

Educação tem 5% do PIB

■ Percentualmente o Brasil investe muito, mas resultados são de país subdesenvolvido

ANDRÉ LACERDA

BRASÍLIA – O Brasil gasta tanto quanto os países desenvolvidos em educação, mas alcança resultados que ficam a dever até ao mundo subdesenvolvido. Estudo feito pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) indica que, em 1995, os gastos públicos do país em educação atingiram 5% do Produto Interno Bruto (PIB). Entre os 43 países que compõem o universo pesquisado pela entidade, a média ficou em 4,7%. A distorção brasileira está concentrada no ensino superior: o Brasil aplicou, em 1995, US\$ 14.303 por aluno - 63% acima da média de dispêndios dos países avaliados pela OCDE.

Esta é a primeira vez que o Brasil integra o projeto "World Education Indicators", executado pela organização. Referentes ao ano de 1995, os dados constam do anuário "Education at a Glance", divulgado ontem pelo Ministério da Educação. "É vergonhoso o que o Brasil gasta com a educação superior em relação aos ensinos básico, fundamental e médio. Isto indica uma distorção social do gasto público", avalia Maria Helena Guimarães de

Castro, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Nos países desenvolvidos gasta-se, em média, US\$ 8,7 mil per capita ao ano com ensino superior.

Em 1995, os investimentos brasileiros em educação ficaram em US\$ 31,5 bilhões. Percentualmente, o Brasil gasta tanto quanto os Estados Unidos, a Bélgica ou a Espanha. Contudo, em pelo menos três quesitos o país faz feio quando comparado aos demais países: paga a seus professores um dos piores salários de todo o mundo; tem, nas universidades, uma das mais baixas relações aluno por professor; e exibe, na educação básica, carga horária que só não é menor do que a da Suécia, Hungria, Tailândia e República Tcheca.

Mesmo recebendo recursos da ordem de 1,2% do PIB, o ensino superior do Brasil obtém desempenho abaixo do índice dos países da OCDE - cujo gasto é, em média, de 0,9% do PIB. O país tem um dos menores índices de alunos por docente do mundo: são 9,4 nas universidades públicas, enquanto a média dos países pesquisados pela entidade é de 16,7. "As universidades precisam elevar a oferta de vagas e expandir as opções de cursos

noturnos", avalia a presidente do Inep.

Nos ensinos médio e fundamental, a posição brasileira se inverte. No primeiro caso, cada professor leciona para 35,8 estudantes, a maior taxa entre os avaliados. Entre os 43 países pesquisados, a média fica em 14,6 alunos por docente. No ensino fundamental, a relação cai para 29,7 alunos por professor entre os brasileiros. Ainda assim, somente Chile, Índia e Filipinas têm índices piores.

Os alunos brasileiros do ensino fundamental (1^a a 8^a séries) ficam 667 horas por ano em sala de aula - média de 3,7 horas por dia. Comparado a exemplos vizinhos, o estudante brasileiro perde para os argentinos, que estudam por ano 788 horas, e os do Chile, com 860. A média entre todos os países pesquisados foi de 791 horas. "O mínimo que uma criança deve ficar na escola são 5 horas. O aluno brasileiro passa muito pouco tempo dentro das salas de aula", afirma Maria Helena. Atualmente, 46,4% dos alunos de ensino fundamental permanecem menos de quatro horas por dia nas escolas.

Segundo a OCDE, o professor brasileiro de ensino primário em início de carreira recebe, em média,

US\$ 4,4 mil por ano. É metade do que é pago a um profissional da Malásia. O docente nacional só ganha mais do que os de Hungria, Turquia, Indonésia, Rússia, Tailândia e Uruguai. No topo da escala, um professor no Brasil chega a ganhar US\$ 7,8 mil - um terço do que atinge o mesmo colega malásio. Pelo levantamento, as médias mais altas são pagas na Coreia, onde, em fim de carreira, um docente alcança salários anuais de US\$ 67,3 mil por ano.

Diante da perspectiva de recessão e de corte de verbas para o próximo ano, o MEC aposta na correção das distorções da relação entre idade e séries escolares para melhorar o perfil dos gastos na área. "Trata-se, então, de gastar melhor", diz a professora. Apenas com a correção de fluxo entre os alunos com idade entre 7 e 14 anos, o Ministério espera, nos próximos cinco anos, ajustar em 30% os gastos com o ensino médio (2º grau). Os alunos brasileiros levam em média 11 anos para concluir as oito séries de ensino fundamental. "Será difícil haver aumento considerável no curto prazo. A meta do Plano Nacional de Educação é elevar os gastos com o setor para 7% do PIB até o ano 2007".